

A APROPRIAÇÃO SIMBÓLICA DO ESPAÇO. O CASO DOS JUDEUS DE PORTO ALEGRE/BRASIL

Maria Medianeira dos Santos
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

A apropriação simbólica do espaço: o caso dos judeus de Porto Alegre/Brasil (Resumo)

Uma das preocupações dos geógrafos reside em entender a temática das questões migratórias no espaço urbano. Pois, nas cidades o fenômeno da mobilidade humana é um fato que interfere tanto na dinâmica econômica, como no aspecto cultural das mesmas. Durante o processo de reterritorialização os imigrantes tendem a se integrarem, de alguma forma, nas referidas economias. De outro lado, há certa tendência da construção de ambientes culturais similares aos que conviviam nos seus “antigos” territórios. A comunidade judaica inserida no espaço urbano de Porto Alegre construiu espaços reservados e dedicados, especificamente, à utilização e vivência de seus membros tais como escolas, sinagogas, cemitérios, açougues e outros elementos. Atualmente, esta comunidade valoriza e reconhece estes marcadores identitários, que estão presentes na esfera material e imaterial, principalmente, no bairro Bom Fim.

Palavras-chave: judeus, apropriação simbólica, Bairro Bom Fim.

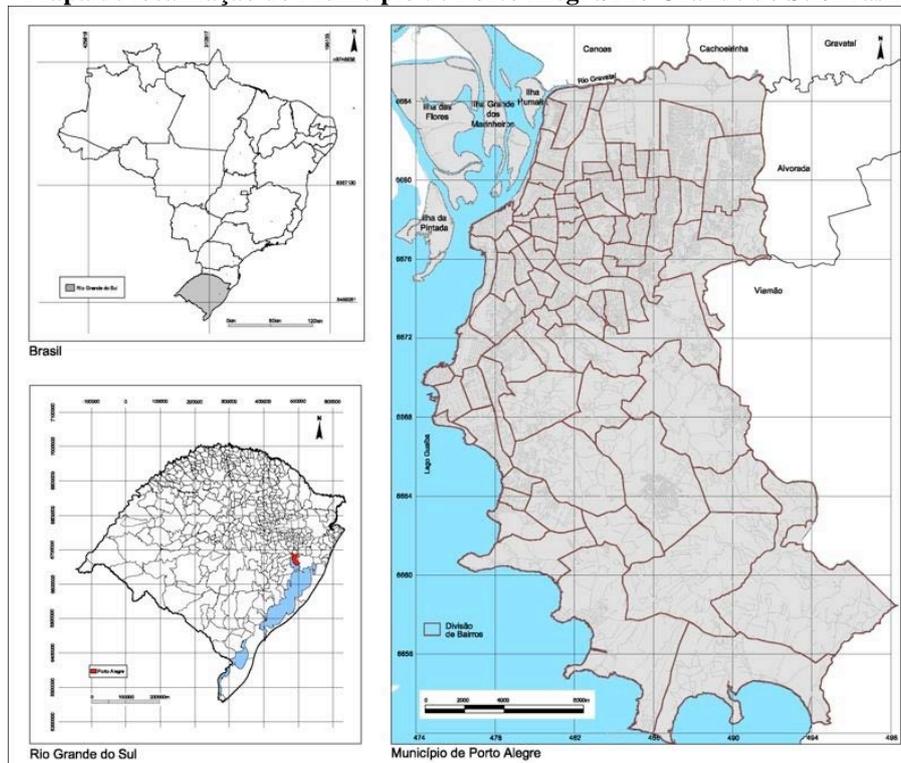
The symbolic appropriation of space: the case of the jews of Porto Alegre/Brazil (Abstract)

One of the concerns of geographers lies in understanding the theme of migration issues in urban space. In cities the phenomenon of human mobility is a fact that interferes in economic dynamics, as in the cultural aspect of the same. During the reterritorialisation immigrants tend to be integrated, somehow, in those economies. On the other hand, there is a tendency of building cultural environments similar to those who lived in their "old" territories. The inset jewish community in the urban area of Porto Alegre built and dedicated spaces reserved specifically the use and experience of its members such as schools, synagogues, cemeteries, butchers and other elements. Currently, this community recognizes and appreciates these identity markers that are present in the material and immaterial sphere, mainly in neighborhood Bom Fim.

Key words: jews, symbolic appropriation, neighborhood Bom Fim.

Dentre os diversos grupos culturais que compõe o urbano das cidades brasileiras, os judeus apresentam destaque por constituírem territorialidades próprias. Diferentemente de outros grupos culturais de origem predominantemente indo-européia que compuseram a população brasileira a partir de correntes migratórias nas primeiras décadas do século XX, os judeus tendem a deixar suas marcas na paisagem urbana. Neste sentido, salienta-se a importância da cidade de Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul (RS), pois esta possui marcas identitárias bem definidas e demarcadas de uma territorialidade judaica (Figura 1).

Figura 1.
Mapa de localização do Município de Porto Alegre/Rio Grande do Sul/Brasil



Fonte: METROPLAN, 2002 (Região Metropolitana de Porto Alegre; IBGE, 2003).
Organizador: SANTOS, Maria Medianeira dos, 2009.

O presente ensaio propõe como recorte territorial de estudo o município de Porto Alegre, levantando a seguinte problemática de pesquisa: Como os migrantes judeus foram construindo suas territorialidades e expressando suas identidades neste “novo” território. Os objetivos específicos para desenvolver esta proposta são: entender como ocorreu o processo de apropriação do espaço urbano relacionado com a identidade cultural judaica; e salientar quais são os elementos que representam a cultura judaica na paisagem da capital gaúcha.

A busca pela literatura especializada foi à base para o desenvolvimento deste artigo. Outra ferramenta utilizada foi o levantamento de fontes primárias e secundárias através dos Museus, Arquivos e Institutos. Convém destacar a importância do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC) que possui disponível uma série de entrevistas transcritas, como também correspondências, atas, jornais, folhetos e revistas judaicas. Também foram realizadas entrevistas direcionadas aos descendentes de judeus; a pessoas que frequentam a sinagoga e aos intelectuais que possuem interesse pela

temática. Outro momento importante foi dedicado ao trabalho de campo nas Sinagogas e nas entidades judaicas existentes em Porto Alegre.

Este ensaio prioriza o espaço geográfico na sua relação de apropriação e na formação de territórios. De maneira que o grupo cultural é o responsável pela atuação no espaço, que culmina deixando suas marcas representativas da sua apropriação territorial. Neste sentido, “[...] não existe etnia ou grupo cultural que, de uma maneira ou outra, não tenha se investido física e culturalmente num território”¹.

A dimensão simbólica do território é fruto da apropriação simbólica, especialmente através da identificação que alguns grupos sociais desenvolvem com seus “espaços vividos”. O território no sentido simbólico existe através da apropriação realizada por determinado grupo cultural “[...] de fato, é pelo território que se encarna a relação simbólica que existe entre cultura e espaço. O território torna-se, então, um geossímbolo”².

Uma das consequências que se torna inevitável neste “*continuum*” é o “conflito” entre culturas ou entre diferentes grupos. Visto que, a permanência, em uma mesma área geográfica, com diversos códigos culturais pode desencadear uma assimilação de valores ou, até mesmo, a permanência de alguns traços culturais, no decorrer do tempo. A este respeito “Todo o agrupamento humano para existir tem que se enraizar em determinado território, mas existem limitantes naturais [...]. Todavia, as barreiras culturais mais eficazes relaciona-se com a construção das identidades culturais fortes”³.

Em decorrência deste processo de enraizamento surgem identidades culturais arraigadas. A preservação da identidade cultural é um processo que não impede o estabelecimento de relações com aqueles que são diferentes, mas introduz limites que proíbem a aceitação daquilo que ameaça os valores centrais. Neste sentido “certos grupos mostram-se, entretanto, através da história e espaço, uma surpreendente capacidade de permanecerem fiéis a certos traços de sua cultura”⁴.

O conceito de tradução que vem ao encontro desta discussão. A tradução expressa muito bem à inter-relação das pessoas que vivenciam o hibridismo cultural. Este conceito descreve aquelas formações de identidade onde imigrantes possuem fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições. Mas ao mesmo tempo elas se veem obrigadas a: “negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades”⁵.

A história do povo de Israel parece se inscrever na história de seu território, prometido depois perdido, retomado e ameaçado de novo, quando outro povo se organiza hoje em suas fronteiras. As diásporas possuem significado, pois “[...] cada diáspora pode ser interpretada como uma tentativa de reconstruir o território perdido”⁶.

¹ Bonnemaïson, 2002, p. 97.

² Rosendahl, 2003, p. 195.

³ Claval, 1999, p. 178.

⁴ Claval, 1999, p. 184.

⁵ Hall, 2004, p. 88.

⁶ Bonnemaïson, 2002, p. 112-113.

Apesar das várias diásporas, de exílios forçados, de processos de marginalização e segregação, os judeus têm conseguido desenvolver mecanismos que os mantêm unidos uns aos outros, como se formassem fios que tecessem uma grande história grupal. Entre os mecanismos para a manutenção da identidade refere-se “A memória histórica através das celebrações das datas mais importantes, e dos valores que são passados de gerações para gerações”⁷.

Os judeus no estado gaúcho e a formação da comunidade judaica em Porto Alegre

As primeiras décadas do século XX denotam profundas transformações no cenário urbano brasileiro. A ascensão do Brasil desencadeou olhares para o desenvolvimento político, econômico e social. O motor para a efetivação deste processo foi o incentivo dedicado à industrialização. De modo que, este investimento repercutiu sobre as cidades, sobretudo as capitais, que acabaram transformando-se em polos aglutinadores.

A cidade de Porto Alegre também passou pelas modificações no que se refere ao seu aspecto urbanístico. Isto refletiu através das inúmeras construções e das diversas ampliações nas vias de transporte terrestre. Dentro deste contexto, já a partir da década de 1920, Porto Alegre será a cidade mais procurada para imigrar no Rio Grande do Sul. O cenário urbano se transformou, ganhando novas cores e modos de vida através da inserção de diversos grupos culturais na capital gaúcha.

Este movimento populacional do espaço rural para o urbano também esteve presente na diáspora judaica no Rio Grande do Sul. A proposta inicial do projeto de colonização era a inserção dos judeus em atividades agropastoris, tanto em Philippon (município de Santa Maria) como em Quatro Irmãos (Passo Fundo). No entanto, estes permaneceram nas colônias durante um período irrisório e logo se direcionaram para uma nova realidade, ou seja, para as cidades. O grupo judaico realizou outra reterritorialização no território gaúcho, diferente daquela projetada inicialmente⁸.

A reterritorialização judaica abrangeu diversas cidades do estado como Santa Maria, Cruz Alta, Cachoeira, Passo Fundo, Erechim, Pelotas e em menor escala para Rio Grande e outros. Mas, foi a capital gaúcha, durante a segunda metade da década de 1920 e a década de 1930, que formou uma significativa comunidade judaica.

Vale salientar, que dentro da realidade do Rio Grande do Sul a capital gaúcha é o centro mais ativo da comunidade judaica. E esta ocupa no mapa israelita do Brasil o terceiro lugar, sendo que os outros estados de maior expressão são Rio de Janeiro e São Paulo. Na capital gaúcha, é mais precisamente o bairro Bom Fim que se constitui um exemplo de território específico, pois o mesmo simboliza a colonização judaica na cidade de Porto Alegre.

O Bairro Bom Fim: a construção e a centralização da vida comunitária judaica

Em Porto Alegre, os judeus organizaram-se como uma comunidade concisa a partir de 1920. E o bairro Bom Fim passou a ser o lugar de forte concentração da grande maioria de judeus que se dirigem à capital. Neste bairro ocorre a construção e a centralização da

⁷ Gritti, 1992, p. 13.

⁸ Santos, 2009.

vida comunitária através das sinagogas, das escolas, das sociedades culturais, do grupo de jovens, do teatro *ídiche*⁹, das bibliotecas, das sociedades de amparo aos recém-chegados, do clube e o do primeiro jornal israelita do Brasil, *Di Mentsshait*¹⁰, do armazém, do açougue. Isto demonstra a notável dinâmica intracomunitária. O bairro possuía um poder de catalisador, ou seja, de propiciar aos seus membros uma vida judaica ativa¹¹.

O bairro Bom Fim dos anos trinta e quarenta “Era um verdadeiro *shtetl*¹², uma aldeia da Europa Oriental no meio de Porto Alegre¹³”. Porém isto não significa a inexistência destes em outros pontos da cidade. Pelo fato que alguns já se encontravam, na capital gaúcha, em datas anteriores a grande leva de imigração espontânea “pois os colonos imigrantes de Philippon e Quatro Irmãos acabaram juntando-se aos poucos israelitas que já viviam naqueles centros urbanos”¹⁴.

Como lazer as calçadas do Bom Fim, na década de 40, eram utilizadas como espaço de entretenimento no bairro. Pois, a ida aos cinemas e bailes era algo raro de se fazer. No dia a dia era possível presenciar pessoas sentadas nas calçadas em frente as suas residências. Os judeus também praticavam esta confraternização, visto que uma tradição judaica é contar histórias. As atividades diárias de distração que as pessoas realizavam no bairro “Em geral, porém, não havia baile, nem peça de teatro, nem filme. Nas quentes noites de verão, cadeiras eram trazidas para as calçadas e as pessoas ali se reuniam”¹⁵. É interessante destacar uma delimitação do bairro Bom Fim, cujos pontos cardeais relacionam-se com lugares específicos:

“Limitando-se, ao norte, com as colinas dos Moinhos de Ventos; a oeste, com o centro da cidade; a leste, com a Colônia Africana e mais adiante Petrópolis e as Três Figueiras; ao sul, com a Várzea, da qual é separado pela Avenida Oswaldo Aranha. Em 1943 a região da Várzea, já saneada, estava transformada num parque – a Redenção”¹⁶.

Como primeiro registro de judeu no estado é mencionado o Sr. Salomão Levi, na qual havia chegado em 1896. O nome do *sefaradim*¹⁷ estava presente na seguinte instituição religiosa “su nombre consta como Presidente honorario y fundador de la sinagoga União Israelita Porto-Alegrense, em 1910”¹⁸.

Outra contribuição realizada pelo Salomão foi o amparo aos primeiros israelitas da Europa oriental que aportaram na capital gaúcha. A importância de uma pessoa bem arranjada e de prestígio era fundamental num primeiro momento. As contribuições que este propiciou para a comunidade foram essenciais. Como de costume, os primeiros

⁹ Para Unterman, 1992, p. 121: “é língua judeo-alemã falada pelos *ashkenazim* originários da Europa oriental”.

¹⁰ Em *ídiche* esta palavra significa: A humanidade.

¹¹ Scliar, 1998.

¹² Em *ídiche* significa: cidadezinha, aldeia. Unterman, 1992, p. 246.

¹³ Scliar, 2004, p. 149.

¹⁴ Falbel, 2008, p. 444.

¹⁵ Scliar, 1998, p. 79.

¹⁶ Scliar, 2008.

¹⁷ Sefaradim, sefaradi, sefardi e sefaradita são os judeus de origem espanhola e portuguesa que se espalharam pelo norte da África, Império Otomano, parte da América do Sul, Itália e Holanda após a expulsão dos judeus na Península Ibérica no final do século XV. Segundo, Unterman, 1992, p. 233.

¹⁸ Steren, 2008, p. 80.

imigrantes começaram como comércio ambulante, e Salomão Levi então lhes concedia crédito, recomendava-lhes clientes entre seus conhecidos brasileiros, e em casos complicados, intervinha a favor deles junto às autoridades estaduais ou municipais¹⁹.

A formação da comunidade judaica em Porto Alegre não ocorreu de maneira uniforme, ou seja, houve a contribuição de judeus que provieram de diferentes países em determinados momentos: “outro aspecto interessante é que algumas vezes os indivíduos buscavam acolhida entre grupos imigrantes cuja identificação se dava por razões de procedência, como os alemães, por exemplo”²⁰.

Para compreender como se deu o processo de imigração judaica, é importante que percebamos como ocorreu a formação do quadro social. Além da vinda dos judeus das colônias agrícolas fracassadas houve um movimento migratório baseado em decisões individuais. Alguns imigrantes vieram sozinhos, para que, um pouco mais estabelecidos, pudessem buscar os seus; outros vieram com suas famílias. Todos, no entanto, estavam vinculados a um grupo, que lhes possibilitava todo um quadro de referências “em 1909 a cidade de Porto Alegre já possuía então cerca de duas dezenas de famílias israelitas e outro tanto de solteiros”²¹.

Uma reportagem intitulada “Onde está à fé gaúcha” apresenta o estudo da Geografia Espiritual, que é representada através da diversidade da fé no RS. A metodologia utilizada foi pelo caminho do entrelaçamento de uma pesquisa elaborada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), intitulada “Retrato das Religiões no Brasil”, mais o cruzamento de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000). Neste houve uma reafirmação do que foi pontuado anteriormente, ou seja, afirmando que 91,2% dos judeus do Estado estavam na capital²².

A construção dos marcadores identitários judaicos

A comunidade judaica de Porto Alegre, aos poucos, na medida da necessidade, foi criando instituições. As primeiras, naturalmente, tinham a ver com os ritos de passagem básicos, o casamento, o enterro, o *Bar-Mitzvá*²³, o *Rosh Hashaná*²⁴ e o *Iom Kipur*²⁵.

Deste modo, a comunidade preocupou-se com a construção de uma entidade de caráter religioso. Oficialmente, na primeira década século XX, foi fundada a primeira instituição denominada “União Israelita Porto-Alegrense”. E, posteriormente, surgiram outras entidades de caráter religioso. A respeito da religiosidade dos judeus “É comum identificar nos relatos dos imigrantes referências ao fato de não serem religiosos até chegarem à comunidade de Porto Alegre”²⁶.

A sinagoga é um referencial judaico de forte expressividade presente no espaço urbano do bairro Bom Fim, que possui materializado cinco sinagogas. No bairro próximo, Rio

¹⁹ Falbel, 2008, p. 413.

²⁰ Fortes, 2011, p. 9.

²¹ Falbel, 2008, p. 720.

²² A reportagem é do jornal Zero Hora, 2005.

²³ É a cerimônia pela qual o jovem, aos treze anos, é admitido na comunidade.

²⁴ É o Ano Novo judaico.

²⁵ É reconhecido como o dia de recolhimento e auto-análise.

²⁶ Fortes, 2011, p. 9.

Branco há uma sinagoga e no Centro também possui outra. No judaísmo a sinagoga é fundamental para a prática religiosa atuando como elemento de preservação de valores e tradições da cultura judaica. A Sinagoga é fundamental para “[...] pertencer ao grupo social, que tem como símbolo de unidade e convergência o Templo, ou seja, a Sinagoga”²⁷.

Neste momento é necessário uma explicação do significado da palavra Sinagoga, ou seja, sua etimologia e a diferença com relação ao termo Templo. A sinagoga é uma palavra grega que corresponde ao hebraico *beit haknesset*, casa de reunião ou assembléia. Já o Templo era *beit hamikdash*, a casa do santuário, e essas denominações ilustram as diferenças entre ambas as casas: o Templo era primariamente um local de culto, que incluía o sacrifício de animais; a Sinagoga era um lugar de orações, de discussão num clima informal²⁸.

Na sinagoga são realizadas as principais festas do calendário judaico, que são: Ano Novo, Dia do Perdão, Páscoa, Festas das Cabanas e “Carnaval”. Respectivamente em língua hebraica: *Rosh Hashaná*, *Yom Kippur*, *Pessach*, *Sukot e Purim*. Para os judeus todas estas festas são importantíssimas e são realizadas na sinagoga, pois envolve a leitura do Torá²⁹. Na sinagoga realizam-se outras cerimônias como: casamentos, *bat mitsvá* (que é a confirmação das meninas judias), *bris milhat* (cerimônia de circuncisão do menino judeu) e *Kabalat Shabat* (leituras da Torá toda sexta-feira após as 19 horas)³⁰.

Pode-se inferir que, a sinagoga é um símbolo cultural que contribui para a formação e constituição da identidade territorial judaica. O símbolo serve como a representação da realidade “aquilo que substitui ou que esta no lugar de uma outra coisa. O poder simbólico é quase mágico, constituindo uma identidade territorial”³¹.

A fim de sanar suas necessidades os imigrantes recém inseridos no novo espaço estes tiveram como primeira iniciativa a formação de uma instituição religiosa “fundaram no dia 19 de setembro de 1909 uma sociedade “União Israelita” que teve pouca duração”³². A formação da União Israelita é reconhecida por ser a primeira organização judaica de Porto Alegre. Em 14 de setembro daquele ano, aparentemente às vésperas do ano novo judaico, teve Leão Back à ideia de organizar um *minian*³³, a fim de se poder officiar as rezas dos Dias Solenes coletivamente. Foi desse *minian* que se organizou a primeira organização judaica de Porto Alegre, denominada União Israelita, sob a presidência de Salomão Levi³⁴.

²⁷ Luz, 2004, p. 2.

²⁸ Luz, 2004, p. 2.

²⁹ Em hebraico, significa ensinamento. É um dos conceitos fundamentais do judaísmo, que pode se referir ao ensinamento judaico do Pentateuco, ou da Bíblia hebraica, ou, em seu sentido mais amplo, a toda a tradição judaica. Unterman, 1992, p. 264.

³⁰ Schiar, 2004, p. 48.

³¹ Haesbaert, 1997, p. 46.

³² Back, 1957, p. 324.

³³ Em hebraico significa contagem: quorum de dez judeus de sexo masculino com mais de treze anos de idade que constitui a comunidade mínima necessária para atos públicos de culto para a leitura do *Sefer Torá*. Unterman, 1992, p. 177.

³⁴ Falbel, 2008.

Entretanto, esta sociedade foi reorganizada e passou-se a ser chamada de “União Israelita Portoalegrense”, cujos objetivos residiam na fundação de uma sinagoga e de um cemitério israelita.

Esta sociedade foi oficializada “no ano seguinte, no segundo dia de *Rosh Hashaná*, ou seja, em 5 de Outubro de 1910, em casa do Sr. Marcos Burd, foi oficialmente fundada a Sociedade União Israelita Porto-Alegrense, com 35 sócios”³⁵. (Figura 2).

Figura 2.
Foto da Sinagoga União Israelita Porto-Alegrense



Endereço: Rua Dr. Barros Cassal, 750, Bom Fim, Porto Alegre/RS.
Fonte: Trabalho de Campo, 2012.

O cemitério foi outro empreendimento indispensável que a comunidade judaica teve que efetivar em Porto Alegre. A denominação de *Beit Haolam*, que significa, na língua hebraica, Casa do Mundo ou Casa da Eternidade. A aquisição do Cemitério União Israelita Porto Alegrense e a respectiva incumbência foram realizados do seguinte modo “Foi também comprado o terreno, mais tarde aumentado, onde se acha até hoje o cemitério da União Israelita [...] é mantido pela União Israelita Porto Alegrense”³⁶.

Em 1917, foram lançadas as bases de outra instituição religiosa, que possuía os mesmos objetivos da “União”, ou seja, cuidar das necessidades religiosas dos judeus “em 12 de setembro de 1917 fundou-se a Sociedade Israelita Religião e Misericórdia que passou a chamar-se, a partir de maio de 1931, Centro Israelita Porto-Alegrense”³⁷. (Figura 3).

Na sede do Centro Israelita, por exemplo, durante muitos anos, foram realizadas inúmeras atividades de importância da comunidade, inclusive as que contribuíram para a efetivação do atual Colégio Israelita Brasileiro. O reconhecimento do Centro Israelita Porto-Alegrense deve-se, em grande parte, pela atitude de prosseguir com o projeto de desenvolvimento de um colégio israelita na capital gaúcha que havia iniciado na

³⁵ Eizirik, 1984, p. 37.

³⁶ Back, 1957, p. 326.

³⁷ Back, 1957, p. 326.

Sinagoga União Israelita. O Centro Israelita foi centro cultural que patrocinou a evolução do Colégio Israelita Brasileiro, em Porto Alegre”³⁸.

Figura 3.
Foto da Sinagoga do Centro Israelita Porto-Alegrense



Endereço: Rua Henrique Dias, 73, Bom Fim, Porto Alegre/RS.
Fonte: Trabalho de Campo, 2012.

A evolução do colégio foi à seguinte: em 1922 surgia a Sociedade Mantenedora da Escola Israelita de nível primário, na Sinagoga União Israelita. Em 1938 passou para a sede do Centro Israelita, na Henrique Dias, e em 1942, para a Oswaldo Aranha, com o nome de Sociedade de Educação e Cultura, atrás do Cineteatro Baltimore (Figura 4). Em 1956 é inaugurado o Colégio Israelita Brasileiro, na Protásio Alves (Figura 5)³⁹.

Figura 4.
Foto da Sociedade de Educação e Cultura



Fonte: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC), 2010.

³⁸ Regina, 1980.

³⁹ Esta informação foi retirada da Federação Israelita do Rio Grande do Sul/FIRGS, 2012.

Figura 5.
Foto do Colégio Israelita Brasileiro



Endereço: Avenida Protásio Alves, 943, Santa Cecília/ Porto Alegre/RS.
Fonte: Trabalho de campo, 2012.

Um dos fundadores do Centro Israelita refere-se que a primeira preocupação foi construir um cemitério próprio. A aquisição do terreno para a construção do Cemitério Tristeza foi realizada da seguinte maneira “agindo com muito “sigilo” e com o auxílio do advogado conseguiram a licença para a instalação do cemitério localizado no Bairro Tristeza”⁴⁰. (Figura 6).

Figura 6.
Foto do Cemitério Tristeza



Endereço: Rua Liberal, 19, Bairro Tristeza, Porto Alegre/RS.
Fonte: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC), 2010.

Além do Cemitério da Tristeza que foi construído no arrabalde de tristeza, em 1917, outro foi delimitado na Azenha em 1949. Este foi um projeto da mesma instituição religiosa que construiu o anterior. Esta foi uma atitude de emergência que teve de ser tomada pelo Centro Israelita: “Em 11 de fevereiro de 1948, na gestão de Israel Starosta,

⁴⁰ Eizirik, 1984, p. 50.

foi adquirido terreno na rua Vicente da Fontoura, onde foi instalado o Cemitério, tendo em vista que o da Tristeza, já estava praticamente lotado”⁴¹.

No dia 12 de junho de 1949 foi realizada uma cerimônia religiosa de Benção do Cemitério, pelos membros da Diretoria e os doutos da Comunidade. Os judeus carregaram os *Sefer-Torá*⁴² e fizeram o *Hacafot*, isto é as sete voltas ao redor do campo santo, com orações alusivas, de acordo com o ritual judaico A imagem do cemitério encontra-se disposto (Figura 7).

Figura 7.
Foto do Cemitério do Centro Israelita Porto-Alegrense



Endereço: Guilherme Schell, 315, Bairro Santo Antônio/Porto Alegre/RS.
Fonte: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC), 2010.

Atualmente, Porto Alegre conta com sete Instituições Religiosas que possui suas respectivas sinagogas: União Israelita Porto-Alegrense, Centro Israelita Porto-Alegrense, Centro Hebraico Riograndense, Associação Israelita Brasileira Maurício Cardoso (Polisher Farband), Sociedade Beneficente Israelita de Socorros Mútuos (Linat Hatzedek), Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência (SIBRA) e Beit Chabad. A sequência das datas com as fundações das Instituições Religiosas de Porto Alegre estão dispostas a seguir (Quadro 1).

Em Porto Alegre, inicialmente, a comunidade judaica também teve a preocupação em manter um açougue com carne *Kosher*⁴³ na qual funcionava junto com Sociedade Beneficente e Funerária *Chevra Kadisha*. Mais recentemente se percebe que houve uma materialização de lojas comerciais desempenhando sanar estas necessidades alimentares na capital gaúcha. Os anúncios da Revista do Campestre divulgaram quais eram os locais que possuíam comidas típicas judaicas e também produtos *Kosher*. Neste se pode encontram os seguintes: O Tarabin (sabor do Oriente Médio) que dispunha de comida Judaica/Israelense. Também oferecia congelados e servia para Jantares Especiais e Aniversários, localizado no Bairro Rio Branco; a Sabra (*delicatessen*) uma casa especializada em culinária judaica. Sendo seu foco para festas *Bar-mitzvá* e *Bat-mitzvá*,

⁴¹ Eizirik, 1984, p. 52.

⁴² Em hebraico significa: Rolo da Torá, ou seja, é o rolo que contém o texto hebraico do Pentateuco. Unterman, 1992, p. 234.

⁴³ Em hebraico significa apropriado. O termo mais genérico para qualificar o alimento que é permitido comer, segundo as *leis dietéticas* judaicas. Unterman, 1992, p. 146.

casamentos e eventos em geral, localizada no Bairro Bom Fim e o Lechaim (*delicatessen*) que oferecia produtos *Kosher*. Também localizada no Bairro Bom Fim⁴⁴

Quadro 1.
Instituições religiosas israelitas de Porto Alegre/RS

| Ano da fundação | Instituições religiosas israelitas de Porto Alegre/RS |
|-----------------|--|
| 1910 | União Israelita Porto-Alegrense |
| 1917 | Centro Israelita Porto-Alegrense |
| 1922 | Centro Hebraico Riograndense |
| 1931 | Associação Israelita Brasileira Maurício Cardoso |
| 1932 | Sociedade Beneficente Israelita de Socorros Mútuos- |
| 1936 | Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência |
| 1980 | Beit Chabad |

Fonte: BACK, Léon (1957); EIZIRIK, Moysés (1984).
Org: SANTOS, M. M. dos, 2013.

Destes estabelecimentos hoje em dia persistem no cenário urbano de Porto Alegre a Sabra e a Lechaim. (Figura 8-9). Além destas lojas com alimentos, produtos e utensílios direcionados aos judeus há cozinheiras especializadas que fazem determinados pratos típicos judaicos nas principais festividades. Estas atendem em suas residências, pois não possuem estabelecimento. O atendimento também é feito via tele entrega como o Kasher Brasil. A rede da internet é utilizada por todos como meio de divulgação de seus contatos.

Figura 8.
Foto da Sabra



Endereço: Fernandes Vieira, 366, Bairro Bom Fim/Porto Alegre/RS.
Fonte: Trabalho de campo/Porto Alegre/RS, 2012.

É importante salientar outros elementos judaicos que podem ser visualizados no espaço urbano porto-alegrense. Com o centenário da imigração judaica, em 2004, houve a iniciativa da construção de um obelisco no Mercado da Redenção e de um painel da Imigração Judaica, confeccionado pelo artista Danúbio Gonçalves, presente no Viaduto Mendes Ribeiro. Neste sentido, há uma série de elementos que estão representados nos

⁴⁴ Informações contidas na Revista do Campestre, 2000.

espaços públicos da cidade. “Formas simbólicas grandiosas como estátuas, obeliscos, colunas, memoriais e templos, os monumentos. Integram o meio ambiente construído, compondo de modo marcante a cidade”⁴⁵.

Figura 9.
Foto da Lechaim



Endereço: Fernandes Vieira, 518, Bairro Bom Fim/Porto Alegre/RS.
Fonte: Trabalho de campo/Porto Alegre/RS, 2012.

No novo espaço, inicialmente, a manutenção cultural tornou-se a preocupação central dos imigrantes judeus. Assim, os costumes e os traços representantes de sua cultura original logo foram materializados durante a apropriação do território gaúcho. Como a construção de sinagogas, de escolas de bibliotecas e de instituições filantrópicas. As práticas religiosas, a alimentação, a comunicação com a manutenção do *ídiche*, as comemorações religiosas aproximaram os imigrantes. Por outro lado, ocorriam mudanças com a introdução de novos alimentos à dieta, a substituição de roupas pesadas pelas típicas do gaúcho, que alguns imigrantes colonos adotaram, especialmente no interior, a convivência das crianças na escola com outras de fora da colônia e a colaboração de adultos não judeus nas lides agrícolas⁴⁶.

Conclusão

As cidades possuem história e é fundamental para a sua existência uma realidade materializada, ou seja, que haja geossímbolos presentes na sua paisagem. Estes identificam uma riqueza cultural determinada pelos grupos étnicos que foram os responsáveis pela construção desta ou daquela realidade. Os grupos vão moldando os espaços, sobrepondo signos e imprimindo na paisagem seus códigos particulares.

A diversidade identitária encontra-se presente no espaço urbano através da apropriação de determinados grupos culturais. Deste modo, alguns espaços passam a adquirir especificidades a partir da existência de determinados códigos particulares. O bairro Bom Fim constitui um exemplo de território específico, pois o mesmo simboliza a colonização judaica na cidade de Porto Alegre.

⁴⁵ Lobato, 2007, p. 9.

⁴⁶ Gutfreind, 2004.

Neste formou-se um enclave etnoterritorial, pelo fato que se percebe a elaboração de um ambiente similar ao que estavam alojados anteriormente. Porém, no decorrer do tempo às fronteiras identitárias tornaram-se mais fluidas através da mobilidade urbana. O bairro Bom Fim passou a ser resignificado, ou seja, grande parte dos judeus passaram a residir em outros bairros.

No entanto, o retorno ao bairro é algo inevitável para aqueles que necessitam vivenciar suas práticas culturais e religiosas. Neste é possível encontrar diversas sinagogas que realizam atividades semanais como o *Shabat* até a comemoração de dias festivos como o *Rosh Hashaná*, *Tom Kipur*, *Sucot*, *Chanuká*, *Pessach*, *Shavuot*, entre outras.

Partindo deste pressuposto acredita-se que é através da religiosidade que os judeus se identificam como um grupo que se diverge dos demais. O fenômeno pode ser observado fisicamente através das sinagogas, como também há a observação abstrata do fenômeno que parte da subjetividade do grupo.

O significado da sinagoga dentro da religião judaica, ou seja, no judaísmo é o código cultural que os judeus consideram como o elemento primordial da manutenção da sua cultura. No contexto histórico este grupo vivenciou várias diásporas judaicas e a religiosidade foi o elo de sustentação da comunidade judaica.

Neste bairro há um conjunto de forças opostas que de maneira consciente e/ou inconsciente desempenham duas formas de perceber o mesmo: de um lado se podem perceber tentativas que direcionam para uma reafirmação da identidade cultural através de laços e de traços que relembrem Bom Fim como um bairro com elementos identificadores da cultura judaica. Nesta visão indutiva da realidade prevalece encontrar as especificidades do local e reforçar o aspecto heterogenizante do bairro. De outro lado há a visão dedutiva realidade que compreende a cidade através de aspectos generalistas. Este caminho da fluidez direciona para o enquadramento de uma visão globalizante e homogeneizante do espaço urbano.

Atualmente, embora não haja a predominância de judeus residindo no bairro Bom Fim como no período da formação da comunidade judaica ainda permanece com determinado reconhecimento de bairro judaico. Isto porque o referencial judaico, quer dizer os marcadores identitários de sua cultura encontram-se enraizados neste território. De maneira que, por exemplo, o judeu ao reportar ir a sinagoga logo terá de se direcionar ao bairro que possui presente esta materialização religiosa.

Bibliografias

BACK, Léon. Comunidades Judaicas. In: BECKER, Klaus (Org). *Enciclopédia Rio-Grandense. O Rio Grande do Sul atual*. Canoas: Regional Ltda, 1957, v. 4, p. 323-333.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: LOBATO CORRÊA, Roberto; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Geografia Cultural. Um século (III)*. Rio de Janeiro: UERJ, 2002, p. 83-131.

BONNEMAISON, Joel. *La géographie culturelle*. Cours de l'université Paris IV. Sorbonne (1994-1997). Éditions du C.T.H.S. 2000.

CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. Tradução: Luiz Fugazzola Pimenta; Margareth de Castro Pimenta, Florianópolis: UFSC, 1999. Título original: *Lá Geografic Culturelle*.

CONIB. Confederação Israelita do Brasil. Disponível em: <<http://www.conib.org.br/>> [10 de janeiro de 2012].

DI MÉO, Guy; BULÉON, Pascal. *L'espace social*. Lecture géographique des sociétés. Paris: Armand Colin, 2007.

EIZIRIK, Moysés. *Aspectos da vida judaica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana. Caxias do Sul: EDUCS, 1984.

FALBEL, Nachman. *Judeus no Brasil. Estudos e notas*. São Paulo: Humanitas, Edusp, 2008.

FIRGS. Federação Israelita do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://firs.org.br/>> [10 de fevereiro de 2012].

FORTES LIA, Cristine. Os imigrantes judeus no Rio Grande do Sul e as identidades religiosas. In: FORTES LIA, Cristine. Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. ANAIS DO III ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES-ANPUH-Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>>. [5 de junho de 2011].

GRITTI, Rosa. *A imigração judaica para o Rio Grande do Sul. A Jewish Colonization Association e a colonização de Quatro Irmãos*. 1992. Dissertação (Pós Graduação em História)- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

GUTFREIND, Ieda. *A imigração judaica no Rio Grande do Sul. Da memória para a história*. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), 2004.

HAESBAERT, Rogério. *Territórios Alternativos*. Niterói: UFF; São Paulo: Contexto, 2002.

HAESBAERT, Rogério. *Des-territorialização e identidade. A rede "gaúcha" no nordeste*. Niterói: EDDF, 1997.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomáz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 9ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

INSTITUTO CULTURAL JUDAICO MARC CHAGALL (ICJMC). Porto Alegre. 2010.

LOBATO CORRÊA, Roberto; ROSENDAHL, Zeny. Geografia Cultural. Introduzindo a temática, os textos e uma agenda. In: LOBATO CORRÊA, Roberto; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003. p. 9-18.

LUZ SARAIVA, Gabriela. *Retomada das práticas culturais judaicas após a reconstrução da Sinagoga, 1995*. 2004. 46f. Monografia (Especialização em História) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004.

O CAMPESTRE. Ano VI. Porto Alegre. Outubro de 2000. N°67.

ONDE está à fé gaúcha. *Zero Hora*, Porto Alegre, p. 38-39, 17 jul. 2005.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. Tradução: Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993, p. 143–163.

REGINA COHEN, Vera. *Rio Grande do Sul. Imigração & Colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

SANTOS, Maria Medianeira dos. *A territorialidade judaica em Santa Maria/Rio Grande do Sul. Uma contribuição à Geografia Cultural*. 2009. Dissertação (Pós Graduação em Geografia e Geociências)- Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

SCLIAR, Moacyr. A saga da colonização judaica. In: WAINBERG, Jacques. (Org.). *Cem anos de amor. A imigração judaica no Rio Grande do Sul/ Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2004. p. 43-57.

SCLIAR, Moacyr. Memórias Judaicas. In: SLAVUTZKY, Abrão (Org). *A paixão de ser. Depoimentos e ensaios sobre a identidade judaica*. Porto Alegre: Oficinas, 1998, p. 75-85.

SCLIAR, Moacyr. *A guerra no Bom Fim*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

STEREN DOS SANTOS, Tania. Los judíos sefaradíes de Rio Grande do Sul. Antecedentes históricos y características sócio-culturales. *Raíces Revista Judía de Cultura*, Madrid, 2008, v. 77, p. 80-84.

UNTERMAN, Alan. *Dicionário Judaico de lendas e tradições*. Tradução: Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.